

DESAFIOS TEOLÓGICOS E A PEDAGOGIA LIBERTADORA FREIREANA: UMA REFLEXÃO TEOLÓGICA SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

*Theological Challenges and Freirean Liberating Pedagogy:
A theological reflection on the contribution of the Global Educational Pact.*

André Luiz Boccato de Almeida*

a.l.boccato@gmail.com

Miguel Winícios Camargo**

miguelfcamargo2708@gmail.com

Patrick Alves de Carvalho***

pepatrick.taubate@hotmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-9951-5945>

* Doutor em Teologia Moral (Pontificia Università Lateranense di Roma). Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Mestre em Teologia (PUC-SP). Docente de Teologia na PUC-SP. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia (PUC-SP). Líder do Grupo de Pesquisa PHAES (Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade).

**Mestrando em Teologia pela PUC-São Paulo. Bacharel em Filosofia e Teologia pela PUC-Campinas. Membro do Grupo de Pesquisa PHAES (Pessoa Humana Antropologia, Ética e Sexualidade).

*** Mestrando em Teologia, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Teologia da PUC-SP. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa PHAES (Pessoa Humana, Antropologia, Ética e Sexualidade).

Recebido em: 07/05/2026

Aprovado em: 15/08/2026



Este artigo está licenciado com a licença:
Creative Commons Attribution-
NonCommercial No Derivatives 4.0 Inter-
national License

Resumo: O presente artigo busca investigar as convergências entre o Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco, e a pedagogia libertadora de Paulo Freire, à luz da reflexão teológica, buscando compreender de que modo essas perspectivas podem contribuir para uma educação integral, crítica e humanizadora diante dos desafios da atualidade. A pesquisa orienta-se pela seguinte questão: em que medida os princípios do Pacto Educativo Global dialogam com a pedagogia freireana na promoção de processos educativos comprometidos com a formação da consciência crítica e com a transformação social? Metodologicamente, adota-se uma abordagem bibliográfica, de caráter hermenêutico-crítico. O referencial teórico apoia-se, principalmente, no magistério do Papa Francisco, especialmente nas encíclicas *Laudato Si'* e *Fratelli Tutti*, bem como nas obras pedagógicas de Paulo Freire. O artigo estrutura-se em três partes: a apresentação do sentido e da relevância do Pacto Educativo Global; a análise de alguns de seus principais desafios teológicos e educativos; e a revisão da pedagogia freireana em diálogo com tais desafios. Os resultados evidenciam uma profunda convergência entre o Pacto Educativo Global e a pedagogia freireana, especialmente a valorização da dignidade humana, da escuta das novas gerações, da corresponsabilidade educativa e da formação de sujeitos críticos, capazes de promover relações mais fraternas e comprometidas com o cuidado da Casa Comum.

Palavras-Chave: Desafios; Tecnologia; Educação; Paulo Freire; Teologia.

Abstract: This article seeks to investigate the convergences between the Global Compact on Education, proposed by Pope Francis, and Paulo Freire's liberating pedagogy, in light of theological reflection, aiming to understand how these perspectives can contribute to an integral, critical, and humanizing education in the face of contemporary challenges. The research is guided by the following question: to what extent do the principles of the Global Compact on Education dialogue with Freirean pedagogy in promoting educational processes committed to the development of critical consciousness and social transformation? Methodologically, the study adopts a bibliographic approach with a critical-hermeneutical perspective. The theoretical framework is primarily grounded in the magisterium of Pope Francis, especially the encyclicals *Laudato Si'* and *Fratelli Tutti*, as well as in the pedagogical works of Paulo Freire. The article is structured into three sections: the presentation of the meaning and relevance of the Global Compact on Education; the analysis of some of its main theological and educational challenges; and a review of Freirean pedagogy in dialogue with these challenges. The findings reveal a profound convergence between the Global Compact on Education and Freirean pedagogy, particularly regarding the promotion of human dignity, the listening to younger generations, shared educational responsibility, and the formation of critical subjects capable of fostering more fraternal relationships and a stronger commitment to the care of our Common Home.

Keywords: Challenges; Technology; Education; Paulo Freire; Theology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discorrerá sobre o sentido do Pacto Educativo Global, a reflexão teológica e a pedagogia freireana. Visa-se fazer uma interlocução entre estes temas que são convergentes no que tange ao processo de evangelização integral e eclesial. Esta reflexão tem como escopo não apenas articular estas temáticas entre si, mas acima de tudo propiciar o debate entre o verdadeiro sentido diante do desafio de mudança de paradigma que marca a época hodierna.

A cultura atual é marcada por uma série de questões novas ou desafios antropológicos, que também afetam a teologia, e todas as formas de convivência e experiência. Aumenta-se a pobreza diante da concentração de renda e a desigualdade se acentua devido a vários fatores de complexidade econômica. As tecnologias também assumem um pioneirismo avassalador diante de uma letargia reflexiva que se impõe lentamente às consciências diante do quadro de carência de inovação intelectual. Contudo, nesta mesma realidade, emerge um desejo de reflexão, de subjetividades abertas e criativas na busca por seu lugar de sujeito no mundo. É diante desta possibilidade que o Pacto Educativo Global se coloca como um horizonte de esperança diante de um cenário de crise.

O Pacto aparece como uma proposta coletiva e geral sobre como educar em tempos de crise e de novas interpelações. Tem a finalidade de reavivar o compromisso em prol e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão, convidando todos a unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.

Neste artigo, pretende-se assumir alguns desafios teológicos e educacionais, provenientes do Pacto Educativo de Francisco e interpelá-los à luz da pedagogia libertadora freireana que foi, de forma antecipada, uma original forma de produzir uma educação emancipadora numa época de autoritarismo e ditadura no Brasil. Paulo Freire consolidou-se como um pensador livre que, após anos de experiência de alfabetização, num contexto pré-tecnológico, orientou o processo educativo a partir da descoberta da consciência com suas várias camadas de opressão. Seu método e sua original intuição pedagógica continuam atuais diante de um cenário que instiga a uma nova orientação metodológica.

A reflexão em questão, seguindo um método hermenêutico crítico, apresentará esta provocativa realidade mediante as três partes, articulando o caráter teológico e pedagógico da reflexão. Na primeira, se fará uma apresentação geral sobre o que é o Pacto Educativo Global e sua total relevância e sentido após quase uma década de sua origem. Na segunda, serão apresentados alguns dos desafios teológicos e educativos presentes no Pacto Educativo Global e suas respectivas relevâncias no atual cenário de mundo. Por fim, na terceira, será revisada a pedagogia freireana e a sua atual pertinência, principalmente no que se refere à formação da consciência crítica e sua original proposta de formação do ser humano integral em tempos de fragmentação reflexiva.

1. O SENTIDO E A RELEVÂNCIA DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Diante dos mais variados desafios contemporâneos, o “Pacto Educativo Global” surgiu como uma proposta do Papa Francisco para uma transformação global da educação. A relevante proposta, lançada em 12 de setembro de 2019, apresenta-se como um convite a um caminho educativo e a um diálogo acerca da construção do futuro do planeta, bem como um investimento do talento de todos, para o amadurecimento de uma nova solidariedade universal, tornando a sociedade mais acolhedora (*Vademecum*, 2020, p.3). Tal anúncio levou a um encontro mundial entre Francisco e vários educadores, no dia 14 de maio de 2020, em Roma, com o tema “Reconstruir o Pacto Educativo Global”. Teve como objetivo, assim, a construção de uma aliança educativa de formação humana integral, a fim de promover um empenho solidário que atinja o tecido social e gere mudanças concretas, envolvendo, por sua vez, a todos:

Com esta finalidade, promovi a iniciativa dum *Pacto Educativo Global*, “para reavivar o compromisso em prol e com as novas gerações, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão”, convidando todos a “unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna” (*Vademecum*, 2020, p.4)

A partir do provérbio africano - “para educar uma criança, é necessária uma aldeia inteira” - o Papa Francisco afirma a necessidade de construção de uma “aldeia da educação”, que, mesmo diante da diversidade, se disponha a partilhar o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas (Francisco, 2019). Essa proposta é especialmente importante em um contexto no qual muitos vínculos se enfraquecem, e a educação corre o risco de se reduzir a um processo meramente técnico, desprovido de caráter integrador. Diante de tais desafios, a educação pode, lamentavelmente, transformar-se em um processo injusto que comunga com o estigma da exclusão dos mais pobres. Para essa “aldeia de educação”, o papa propõe uma rede viva de relações, na qual diferentes atores – pais, professores, instituições, governos, religiões e a própria sociedade – compartilham a responsabilidade de educar (Francisco, 2019).

Ao recorrer ao provérbio africano, “Francisco acaba por questionar o modelo educacional europeu, ocidental e branco, indicando que os povos originários e não brancos têm algo a nos ensinar na educação das gerações, legitimando a validade de outras epistemologias e denunciando o epistemicídio provocado pela lógica etnocentrista europeia” (Mota, 2024, p.129-148). Assim, o provérbio africano desbanca a perspectiva educacional vigente que legitima o itinerário de um progresso desumano do qual converge intimamente com a “cultura do descarte”, levando a exclusão de muitos (Francisco, 2015, p.22).

Diante das contínuas transformações do mundo contemporâneo - da velocidade tecnológica-digital, das imposições dos sistemas econômicos, da metamorfose cultural e antropológica - geram-se, no seio da humanidade, constantes crises que desintegram as relações humanas, o bem comum e o desenvolvimento humano (Francisco, 2015, p.22). Isso posto, o Pacto

Educativo Global tem como sentido “unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar a fragmentação e a oposição e reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna” (*Vademecum*, 2020, p.3), ao contrário do modelo educativo global atual, regido pela violência imposta por um modelo econômico neoliberal que favorece uma sociedade que desumaniza lentamente a pessoa (Andrade, 2006, p.55-75). Quando o Papa Francisco insiste na urgência de repensar o Pacto Educativo Global, ele está reagindo justamente a esse cenário: um mundo em que o valor das pessoas passa a ser medido por produtividade, desempenho e consumo. Desse contexto vigente emerge a relevância de um novo pacto.

Byung-Chul Han retrata, no início de sua obra “A expulsão do outro”, o cenário de transformações patológicas que assolam o corpo social. O presente, munido de discursos de positividade e progresso, e marcado pela sobrecomunicação, pelo sobreconsumo e pela permissividade, representam uma grande depressão dos tempos atuais (Han, 2022, p.7). Essa depressão se envolve em traços agressivos desumanizadores dentro de um sistema capaz de exclusão e destruição; sendo assim, a produção não é mais produção, mas destrutiva; a informação não é mais informativa, mas deformadora; e a comunicação não é mais comunicativa, mas meramente cumulativa (Han, 2022, p.7). O pensamento do filósofo sul-coreano vai ao encontro das patologias apresentadas no magistério de Francisco, como a “cultura do descartê” (Francisco, 2020, p.19) e a “negação da fraternidade universal” (Francisco, 2020, p.22).

Esse propósito educativo global ganha sentido e relevância à medida que procura oferecer caminhos a partir de dilemas concretos analisados pelo Papa Francisco, especialmente no que se refere às transformações que atingem o tecido social, sobretudo pautado nas encíclicas *Laudato Si’* e *Fratelli Tutti*. Diante disso, Francisco esboça uma visão panorâmica de fatos interligados, fundamentada na esperança: a fraternidade universal. Passos afirma na ligação íntima que faz das encíclicas de Francisco: “A fraternidade cósmica e a fraternidade social são duas dimensões da mesma postura do amor que deve ultrapassar todos os limites e construir modos de viver que inclua a todos sem distinção” (Passos, 2021, p.782-801). Ao contrário da distinção e exclusão, o Pacto Educativo Global visa a “integração”, enquanto envolvimento dos sujeitos – os responsáveis e as novas gerações -, e a “integralidade”, enquanto formação comprometida em sentido plenamente humanizador.

Dentro dessa perspectiva de “Casa Comum”, da Carta Encíclica *Laudato Si’*, o sentido do Pacto expressa-se numa integralidade educativa, capaz de construir uma sociedade mais justa, solidária e sustentável. Trata-se de uma educação que vai além do conteúdo técnico-científico, incorporando valores fraternos, éticos e de responsabilidade social. A mesma encíclica apresenta a educação em sua função de formar motivações e cultivar hábitos capazes de transformar o estilo de vida das pessoas:

E não se pense que estes esforços são capazes de mudar o mundo. Estas ações espalham, na sociedade, um bem que frutifica sempre para além do que é possível constatar; provocam, no seio desta terra, um bem que sempre tende a difundir-se, por vezes invisivelmente. Além disso, o exercício destes comportamentos restitui-nos o sentimento da nossa dignidade, leva-nos a uma maior profundidade existencial, permite-nos experimentar que vale a pena a nossa passagem por este mundo. (Francisco, 2015, p.212).

A educação, nesse sentido, torna-se um caminho de humanização e de formação de consciências. Pode-se compreender que, diante da proposta do Pacto Educativo Global, pretende-se despertar uma consciência voltada à fraternidade e à responsabilidade pelo cuidado da Casa Comum, diante de uma realidade que exige respostas urgentes. Ao favorecer processos educativos amplos e interligados, busca provocar uma renovação profunda nas mentalidades, nos comportamentos e nas escolhas, como caminho para enfrentar os grandes desafios do mundo atual. Francisco afirma:

Se queremos um mundo mais fraterno, devemos educar as novas gerações para “reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada um nasceu ou habita” (Carta enc. Fratelli tutti, 1). Este princípio fundamental – “conhece-te a ti mesmo” – orientou sempre a educação, mas é necessário não descurar outros princípios essenciais: “conhece o teu irmão”, a fim de educar para o acolhimento do outro (cf. Carta enc. Fratelli tutti; Documento sobre A fraternidade humana – Abu Dhabi, 04/II/2019); “conhece a criação”, a fim de educar para o cuidado da casa comum (cf. Carta enc. Laudato si’); e “conhece o Transcendente”, a fim de educar para o grande mistério da vida. Temos a peito uma formação integral que se resume no conhecer-se a si mesmo, ao próprio irmão, à criação e ao Transcendente. Não podemos esconder às novas gerações as verdades que dão sentido à vida. (Francisco, 2021).

É evidente que a proposta de Francisco confronta diretamente o fenômeno da globalização, que se expande veementemente segundo a lógica do capital. Percebe-se também um desequilíbrio evidente: de um lado, a força econômica, orientada por suas próprias dinâmicas; de outro, uma ação política fragilizada, muitas vezes incapaz de conter ou regular os excessos de um crescimento econômico que avança de forma desmedida¹. Diante de tais desafios que assolam a realidade humana global, o Pacto Educativo proposto por Francisco, como iniciativa da própria Igreja, procura favorecer, tendo em vista a própria missão eclesial, a formação da consciência das pessoas e dos cristãos, guiados pelos valores do Reino, sustentados pela reflexão teológica e pela longa experiência de esperança da Igreja em seu diálogo com o mundo e as culturas (Almeida, 2021, p.31).

Consciências formadas conduzem à atenção aos apelos das novas gerações. Sendo assim, construir um percurso educativo consciente leva a pensar a educação como “um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história” (*Vademecum*, 2020, p.24). O apelo educativo que Francisco propõe como pacto global constitui um apelo dirigido às famílias, escolas, comunidades, universidades, instituições, tradições religiosas, governantes. Convoca todos a assumirem, de forma conjunta, a responsabilidade pelo cuidado e pela formação das novas gerações. Tal iniciativa consiste num processo amplo, “plural e poliédrico, incluindo diferentes abordagens, múltiplas epistemologias, e uma referência fundamental é a Doutrina Social da Igreja” (Mota, 2024, p.129-148).

2.DESAFIOS TEOLÓGICOS E EDUCATIVOS À LUZ DO PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Apresentado o sentido e a relevância do Pacto Educativo Global, iremos primeiramente expor nesta subparte os compromissos coletivos assumidos e posteriormente elencar três destes

¹ ALMEIDA, A. L. B. *Moral Social*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 31.

desafios para uma reflexão teológica e educacional.

O Pacto visou responsabilizar todas as entidades sociais que lidam com a educação: famílias, universidades, religiões, governantes, artistas, etc. Apontamento este que nos induz a perceber que toda a humanidade é vocacionada a cuidar um dos outros. Esta proposta de cuidado partirá de uma demanda que começa num compromisso no singular, e que gradativamente vai se alargando até se desenvolver num compromisso de impacto universal.

O primeiro compromisso: “Colocar a pessoa no centro” (*Vademecum*, 2020, p.10) denuncia a cultura utilitarista que desumaniza e explora o ser humano. Tal realidade tem favorecido a desfragmentação da humanidade e por tal razão merece ser revista. Um novo humanismo deve ser proposto, que respeite a dignidade de cada pessoa sem discriminação e atenta a todas as suas dimensões.

O segundo compromisso: “Ouvir as novas gerações” (*Vademecum*, 2020, p.11) visa converter uma postura pedagógica de tantas instituições que menosprezam a vida e a subjetividade das crianças, adolescentes e jovens. Alerta-se para que aprendamos a ouvir atentamente o que as gerações mais novas sentem, sonham, anseiam e acreditam, a fim de que conhecendo suas expectativas construamos a capacidade de edificar uma sociedade participativa e adaptada às reais demandas existenciais.

O terceiro compromisso: “Promover a mulher” (*Vademecum*, 2020, p.12) é uma denúncia explícita de tantos lugares que ainda não reconhecem a mulher na mesma dignidade do homem. O Pacto evidenciar tal problema nesta posição estratégica evidencia uma preocupação. Não poderíamos ir para um quarto compromisso sem antes garantir tal justiça restaurativa. Dado a amplitude do Pacto é lamentável acreditar que em vários lugares do mundo² seria insuficiente expor o primeiro e o segundo compromissos e intuir que as mulheres estivessem inclusas nestas reflexões.

O quarto compromisso: “Responsabilizar a família” (*Vademecum*, 2020, p.13) é central para o Pacto Educativo Global. O tema da família é complexo, sobretudo em contextos religiosos e culturais tradicionalistas. A família no Pacto é compreendida com um papel social precioso e necessita ser amparada pelas políticas públicas, acompanhada pelos mais variados órgãos sociais e lembrada como a principal agente educativa do ser humano.

O quinto compromisso: “Se abrir à acolhida” (*Vademecum*, 2020, p.14) nos circunstancializa a inúmeros contextos de exclusão, desigualdades e vulnerabilidades e a compreendermos que somos vocacionados a sermos uma grande família, pois nem sempre as nações, as instituições, e as

2 Em ordem crescente, países do G20, que em 2012, apresentavam os maiores desafios para ser mulher: Índia, Arábia Saudita, Indonésia, África do Sul, México, China, Rússia, Turquia, Brasil, Coreia do Sul, Argentina, Itália, Japão, Estados Unidos da América, França, Austrália, Reino Unido, Alemanha, Canadá. Cf. OLIVEIRA, Helena. *Estes países não são para mulheres*. VER, 28 jun. 2012. Disponível em: <<https://ver.pt/estes-paises-nao-sao-para-mulheres/>>. Acesso em: 21 abr. 2026.

Em ordem crescente, pesquisa global de 2022, com os piores países para ser mulher: Afeganistão, Síria, Iêmen, Paquistão, Iraque, Sudão do Sul, Chade, República Democrática do Congo, Sudão, Serra Leoa. Cf. GARCIA, Mariana. *Veja quais os melhores e piores países para ser mulher nos quesitos inclusão, justiça e segurança*. G1, 8 mar. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/veja-quais-os-melhores-e-os-piores-paises-para-ser-mulher-nos-quesitos-inclusao-justica-e-seguranca.ghtml>> Acesso em 21 abr. 2026.

próprias famílias nucleares, conseguem oferecer as mesmas oportunidades e cabe a uma sociedade global saudável, ser capaz de perceber os desafios e organizar meios de acolhimento para os mais necessitados.

O sexto compromisso: “Renovar a economia e a política” (*Vademecum*, 2020, p. 15) trata de um ponto crucial para a mudança de rumo que queremos. O Pacto não aponta um caminho determinado, mas reconhece também sua complexidade e promove que estudemos uma nova alternativa de se fazer gestão dos recursos que nos são sagrados e que merecem ser preservados para as próximas gerações. A pedagogia freireana certamente responde de forma propositiva a este apelo do Pacto.

O sétimo e último compromisso: “Cuidar da casa comum” (*Vademecum*, 2020, p. 16) é o resultado de todos os compromissos somados. Uma terra onde todos sejam um, inicia com o respeito a dignidade humana, perpassa pela família, converte-se em políticas sustentáveis, de preservação da natureza e de acolhimento a quem precisar.

Identificamos que os compromissos se dividem em dois blocos e apresentam um eixo de ligação. O primeiro bloco, do primeiro ao terceiro compromisso é pessoal, está ao alcance de cada um iniciar a fazer. O segundo bloco, do quinto ao sétimo compromisso é esforço coletivo, dependente das estruturas sociais. O eixo que liga os dois blocos é a família, espaço de corresponsabilidades individuais e ao mesmo tempo de missão social.

Como proposto iremos selecionar três compromissos para uma reflexão teológica e educativa. Dado que posteriormente o Educador Paulo Freire será abordado como uma alternativa intimamente associada às estruturas sociais, selecionamos assim o primeiro bloco como objeto de reflexão, com a ressalva de que compreendemos que tudo o que seja pensado a respeito do homem, incluímos necessariamente a mulher. Assim não seguiremos a ordem, mas saltaremos do segundo para o quarto compromisso, que será também o elo para a reflexão freireana. A reflexão a seguir irá utilizar algumas fontes teológicas para a argumentação e dialogará com temáticas educacionais.

“E o Verbo de fez Carne” (Jo 1,14). Quando o Filho assume a carne humana, é revelado ao mundo o quanto a humanidade é central para o Pai. Se a cosmovisão para muitas culturas e épocas tendia para um teocentrismo, o cristianismo permite sem heresias, caminhar por uma via antropocêntrica segura, graças à encarnação. A revelação do Filho na carne humana, tornou-se para os cristãos uma mudança de paradigma, pois Deus se fez homem. O teocentrismo inclui para dentro de si um dado antropológico.

Fundamentações oriundas dos céus, que não se adequassem à vida das pessoas, legitimou na história da humanidade inúmeras sentenças de morte (Cf. Ex 31,14; Lv 24,16; Nm 15,32-36), ou por que não dizer, legitimou dispensar tais vidas em nome do sagrado, no qual nem a vida do próprio Filho de Deus foi poupada (cf. Rm 8,32). Se a tradição judaica e tantos outros credos alicerçaram por milênios seu modo de educar numa visão teocêntrica, com repercussões pedagógicas, que poderíamos dizer, de cima para baixo - o cristianismo permitirá pensar numa didática de baixo para cima sem deixar de ser teocêntrica (cf. Mt 18,1-5; Mc 9, 36-37; Lc 9,47-48).

A atenção do primeiro compromisso do Pacto em colocar a pessoa no centro, visa salvaguardar tantas más compreensões acerca de um falso deus, que poderiam legitimar ainda

em nosso tempo inúmeras atrocidades. A adequação de um Deus que está com o homem e não contra o homem, permite reconhecermos que todo avanço tecnológico, científico, antropológico e linguístico deve ser acolhido como graça e não como maldição ou retrocesso. Recordemos que “Deus viu que tudo era bom”, por sete vezes (cf. Gn. 1,4.10.12.18.21.25.31). O texto do Pacto alerta para o perigo da cultura do descartável, mas deveríamos ampliar o conceito, pois o problema não está apenas no descarte de pessoas improdutivas, mas no desprezo progressivo por tudo o que sustenta a vida humana em sua verdade: a ciência quando protege, a paz quando reconcilia, a educação quando humaniza, e a solidariedade quando resiste à lógica da exclusão. A cultura do descartável não elimina somente corpos; ela também corrói valores, instituições e práticas que tornam a vida verdadeiramente humana e fraterna.

Assim, uma Terra onde o valor alienável do homem, amado por Deus (cf. Sl 8,5-6) é substituído pela “suposta virtude” de consumo, concentração unilateral de riqueza, estética do impossível, dentre outros valores – quem não se adequa é geralmente colocado à margem e quem sente esta dificuldade de adaptação, que se traduz em estatísticas, tem sido sobretudo as gerações mais novas³. Nossas crianças e adolescentes não serão necessariamente, como no passado, condenadas a apedrejamento ou a cruz, mas a uma exclusão silenciosa e gradativa da qualidade de vida. Como descreve Márcio Fabri dos Anjos, são sentenciados a Mistanásia⁴.

O segundo compromisso do Pacto Educativo Global é “ouvir as gerações mais novas”. O Pacto não faz uma opção confessional, mas apresenta um projeto educativo global, sem proselitismo. Trata-se assim de um plano de ação realmente plural, capaz de ouvir a todos. Em Lc 24,17, o Ressuscitado pergunta aos dois discípulos o que lhes trazia aflição e ouve suas inquietações. Postura esta que o Pacto provoca a humanidade a ter também, sobretudo com os mais jovens.

Dialogar com as gerações mais novas, sem a tentação do proselitismo, envolve reconhecer que suas vidas são mais que dilemas morais, mas são profundas e ricas em todas as suas dimensões existenciais, na qual dificilmente teremos resposta para tudo, mas envolverá uma comunidade inteira para talvez responder suas inquietudes e problemas. Reconhecer nossa abertura a ouvir e ao mesmo tempo nosso limite em ajudar, exorta-nos a aprender a trabalhar em comunidade (em outros termos: em rede) em prol do irmão ou irmã que sofre.

Ghelman, Lacombe e Barros, no artigo “Cuidando da Espiritualidade de Crianças e Adolescentes” permite-nos debruçar o que poderia ser parte desta arte da escuta em cada fase do

3 O IBGE entrevistou 118.099 adolescentes que frequentavam 4.167 escolas públicas e privadas de todo o Brasil em 2024, e a amostra é considerada representativa do universo de estudantes do país. O quadro preocupante sobre a saúde mental dessa população inclui ainda 42,9% dos alunos que responderam que se sentem “irritados, nervosos ou mal-humorados por qualquer coisa” e 18,5% que pensam sempre, ou na maioria das vezes, que “a vida não vale a pena ser vivida”. FREIRE, Tâmara. IBGE alerta para quadro preocupante na saúde mental de adolescentes. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 25 mar. 2026. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes> > Acesso em: 20 abr. 2026.

4 Do grego (mys = infeliz; thanathos = morte; “morte infeliz”), ou seja, morte miserável, precoce e evitável. Cf. MENDONÇA, Samuel; CONTE, Christiany Pegorari; CARDOSO, Luiz Guilherme Luz. A mistanásia e a responsabilidade criminal do Estado: estudo de caso sobre a falta de oxigênio medicinal na cidade brasileira de Manaus – AM. In: Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal, v. 11, n. 1/2, 2023, p.1. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/redppc/article/view/125934/90883> > Acesso em: 20 abr. 2026.

desenvolvimento, que está além de oferecer os ouvidos, mas saber se fazer presente e assertivo frente a uma pessoa humana que está em desenvolvimento.

(...) para um desenvolvimento saudável, a relação da criança e adolescente deveria ser com um mundo compreensível, manuseável e repleto de significado (...) na primeira infância (...) toque quente e carinhoso, a experiência do bem-estar, da alimentação e do sono de forma regrada (...) criam-se as bases para a capacidade futura de cuidar dos outros e do manuseio de situações concretas. Na segunda infância (...) a figura de uma autoridade amorosa empática do mundo adulto e a sociabilização em ambientes fora do núcleo familiar exercem um enorme papel protetor, vivenciado como segurança e confiança no mundo transcendente e como ganho de significado na vida em geral. São lançadas as bases da empatia, que podem ser nutridas por uma vivência religiosa e espiritual em família. Na terceira infância ou adolescência, o foco se dá no desenvolvimento da inteligência cognitiva. Pela ação dos hormônios, ocorre uma enorme modificação corporal e comportamental, crescimento corporal, aumento da libido e interesse por compreender a vida e o mundo ao redor. (Ghelman; Lacombe; Barros, 2021, p. 333).

O quarto compromisso: “responsabilizar a família” que faz a intermediação entre os compromissos pessoais e os compromissos coletivos merece nossa atenção, pois o Pacto não limitou a pensar o conceito de família dentro dos parâmetros confessionais católicos, que poderiam nos induzir a pensar como sinônimo de matrimônio, mas de considerá-la como uma comunidade de sujeitos interpostos por papéis supostamente definidos, onde os mais novos dependem do comprometimento e empenho dos mais velhos para se desenvolverem; ou os pares colaboram em mútuos objetivos comuns.

Recordemos os inúmeros casos bíblicos em que o conceito de família sobrepõe ao conceito tradicional: Agar e Ismael (cf. Gn 21,8-21) e a viúva com seus filhos (cf. 2 Rs 4,1-7) como referência as famílias monoparentais; Moisés (cf. Ex 2,1-10) e Jesus de Nazaré (cf. Mt 1,23-25) como referência as famílias adotivas; Marta, Maria e Lázaro (cf. Jo 12,1-3) como referência de família constituída por relações estáveis; Rute e Noemi (cf. Rt 2, 11-12) e Davi e Jônatas (cf. 1 Sm 18,1-4; 2 Sm 1,26) como referência a laços de amizade tão estreitos que geram vínculos de fraternidade. Quiçá prefigurações do conceito de família que Jesus inaugurará com seus discípulos. Em Mc 3, 31-35, ao questionarem Jesus quem seria seus parentes, ele responde não fundamentando os laços de sangue, mas ampliando o conceito de família pelos laços da fidelidade. Família que deve ser compreendida assim como uma instância de cuidado e amor e não simplesmente como uma instituição biológica que determinaria domínio ou pertença de alguns sobre os outros.

Questionar e responsabilizar a família, como ponto central do Pacto é crucial para que os desdobramentos mais profundos na sociedade aconteçam. O Pacto insistirá na promoção ativa da família pelos seus, retirando-as da inércia e do preconceito de se envolver em projetos políticos e sociais. Pois, se não conseguimos nos mover para “lutar” pelas melhorias e direitos dos nossos próprios familiares, como iremos “lutar” pelo bem comum?

3. A PEDAGOGIA FREIREANA E SUA PERTINÊNCIA: ANÁLISE REFLEXIVA PROPOSITIVA COM O PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Em Paulo Freire, profícuo pensador e um ser com olhar profundo em sua época, a educação para o pensar crítico está associada à ideia de rebeldia como um ato educativo de emancipação do

sujeito, libertando-o para a criatividade constante, pode ser encontrada ao menos em quatro obras de sua autoria, cada uma dentro de um contexto, exigindo uma interpretação própria e peculiar no âmbito redacional.

As obras indicadas, do Paulo Freire, são as que identificam as bases teórico-práticas do seu pensamento. São elas: *“Pedagogia do oprimido”* (Freire, 1975); *“Educação como prática para a liberdade”* (Freire, 1996); *“Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa”* (Freire, 2000a); e, *“Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido”* (Freire, 2008). Estas representam o longo processo educativo que Freire protagonizou no amplo contexto de encontrar um caminho gerador de processo crítico da consciência dos educandos.

A rebeldia, no geral, seria uma força que precisa ser educada em cada sujeito, com criatividade, movendo-o para a transformação social. É oportuno afirmar que pensar criticamente é o mesmo que uma sana rebeldia, onde o sujeito se faz partícipe do processo de emancipação e conscientização. Freire, na esteira de uma geração de educadores humanistas, democráticos e leitores do mundo, como por exemplo Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro etc., percebe que é imprescindível buscar uma perspectiva educacional que cultive valores em vista de suscitar de dentro do sujeito a emergência da verdade.

Em sua obra *“Pedagogia do oprimido”* (Freire, 1975), considerada a mais importante e a que melhor identifica o seu pensamento, o pedagogo e pensador faz uma aprofundada reflexão sobre a estrutura de dominação. Na referida obra, se apresenta um modelo de educação – bancária – que, em vez de favorecer a libertação e permitir que apareçam as potencialidades de cada sujeito, leva o educando ao conformismo e à adaptação sem ensinar uma verdadeira visão crítica (Abrahão, 1987, p.33). De outro lado, Freire diz que é necessário que haja uma educação libertadora ou crítica que conduza verdadeiramente à um pensar consciente rumo a uma conscientização das dominações presentes no interior das pessoas.

Ao fazer a crítica à chamada visão ‘bancária’ da educação, ou seja, “quando o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 1975, p.67) . Freire faz a sua revolucionária proposta do pensar crítico, enquanto um estar na história e nas situações que estas geram e delas deixar emergir o conteúdo a ser problematizado e conscientizado. A ênfase da pedagogia do oprimido está no fato de que a história é feita pelos sujeitos: uma história humana e humanizadora, portanto, pedagógica (Arroyo, 2012, p.555).

Na obra *“Educação como prática para a liberdade”* (Freire, 1996), Freire apresenta a categoria de conscientização, central para o pensar crítico. Esta obra foi escrita no contexto de transição em que a sociedade brasileira se encontrava; sobretudo, procurava trazer elementos de diálogo e de resposta crítica, de inserção no processo de democratização (Freire, 1996, p.37). Ele tenta compreender uma relação estreita entre ‘emersão’ e participação e entre ‘imersão’ e passividade dos sujeitos implicados no processo da sociedade em mudança.

No capítulo *“Educação versus massificação”* Paulo Freire explicitou a proposta educativa, cujas dimensões críticas se relacionam com um processo de transição de uma conscientização ingênua a uma conscientização transitiva crítica. Tratava-se de pensar uma educação e uma

pedagogia que fossem capazes de colocar os homens e as mulheres brasileiras em condições de resistir aos poderes, de armá-los contra. Para ele, o processo de conscientização exigia um profundo conhecimento de relações das causas (causalidades) históricas e políticas implicadas na educação e na busca pela liberdade e autonomia.

O modo de acesso a isto, segundo ele, determinaria a tipologia de consciência. Diz-nos que esta relação,

[...] é feita pelo homem, independentemente de se é ou não alfabetizado. Basta ser homem para realizá-la. Basta ser homem para ser capaz de captar os dados da realidade. Para ser capaz de saber, ainda que seja este saber opinativo. Daí que não haja ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta. O homem, contudo, não capta o dado da realidade, o fenômeno, a situação problemática pura. Na captação, juntamente com o problema, captam também seus nexos causais. Apreende a causalidade. A compreensão resultante da captação será tão mais crítica quanto seja feita a apreensão da causalidade autêntica. E será tão mágica, na medida em que se faça com um mínimo de apreensão dessa causalidade. Enquanto para a consciência crítica a própria causalidade autêntica está sempre submetida à sua análise – o que é autêntico hoje pode não ser amanhã – para a consciência ingênua, o que lhe parece causalidade autêntica já não é, uma vez que lhe atribui caráter estático, de algo já feito e estabelecido (Freire, 1996, p.105).

Percebe-se que Freire já nos anos 1970 realizava uma reflexão crítica acerca dos impactos de um modelo de cultura ou civilização que já colocava no centro o capital e uma visão de submissão do humano frente às causalidades reais. Esta perspectiva será hoje explicitada pelo Papa Francisco a partir do tecnocentrismo e a crise do antropocentrismo moderno que destrói lentamente a casa comum de modo a submergir uma certa consciência crítica (Francisco, 2015, n.102-103).

Na obra *“Pedagogia da autonomia”* (Freire, 2000^a), Freire trata do pensar como emancipação da consciência do sujeito a partir da ideia de autonomia. Nos dois primeiros capítulos criticam a negação do ensino. Há pedagogias que negam a existência do sujeito aprendente; e são criticadas, pois, para Freire, não há docência sem discência. Pedagogias negam a autonomia do educando pela imposição de métodos, receitas e tecnologias que visam a transferir conhecimento do professor para o aluno. Contra elas, Freire recomenda pensar “certo – e saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo – é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa (Freire, 2000a, p.54).

Neste seu escrito ele apresenta vinte e sete exigências que caracterizariam ou descaracterizariam a ética. Compreende a ética como vocação universal do ser humano para *ser mais* enquanto natureza ontológica ainda adormecida. Segundo ele, a ética da educação deve lutar incessantemente com a “malvadez da ética do ser humano” (Freire, 2000a, p.19). O ato de ensinar propicia aos educandos essa construção na contramão economicista, ao articular a experiência profunda de assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (Pauly, 2010, p.208).

Na obra *“Pedagogia da esperança”* (Freire, 2008), Freire realiza uma espécie de “arqueologia” da Pedagogia do Oprimido. Este livro foi escrito num período tensionado por avanços democráticos

e por uma desilusão com utopias. Por um lado, a Constituição Federal do Brasil aprovada em 1988 garantia importantes espaços de participação popular, e governos progressistas começavam a implantar políticas públicas inovadoras, como o Orçamento Participativo em Porto Alegre (1989). Por outro lado, a queda do muro de Berlim (1989) simbolizava a crise de alternativas em termos de projeto de sociedade (Streck, 2010, p.161). Deste modo, a ideia de esperança presente nesta obra é a de uma “necessidade ontológica” e de um “imperativo excepcional e histórico” (Freire, 2008, p.10), já que ela aponta para uma nova possibilidade de buscar rumos diante de crises.

Freire, ao se debater com as teorias pós-modernas – do fim das metanarrativas, do fim da história, do fim do sujeito – e se situando numa posição que identifica como ‘progressista’, ele dá a entender que a afirmação da esperança precisa ser contextualizada na história. Pode-se dizer que hoje sua perspectiva de um não fatalismo e não conformismo com uma visão fundamentalista religiosa é essencial para superar um conformismo tecnocrático carregado por um viés profundamente economicista (Almeida, 2021, p.124-137).

Em Freire, a criticidade, é a capacidade do educando e do educador refletirem criticamente à realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la. Essa capacidade exige um rigor metodológico, que combine o saber da pura experiência com o conhecimento organizado, mais sistematizado. O seu principal objetivo é fazer com que as pessoas e as classes oprimidas, que aceitam esse desafio, possam pensar certo e se constituírem como sujeitos históricos e sociais, que pensam, criticam, opinam, têm sonhos, se comunicam e dão sugestões (Moreira, 2010, p.97).

No Brasil, segundo ele, a fase de transitividade de consciência se associava ao fenômeno de rebelião popular que, de acordo com a sua explicitação, se manifestava por um conjunto de disposições mentais ativistas surgidas num contexto da sociedade em aprendizado da abertura, isto é, em democracia. Para ele, a rebelião popular é caracterizada como um “sintoma (...) dos mais promissores da vida política” (Freire, 1996, p.100). Há uma certa simpatia à rebelião, desde que ela conduza a uma positiva rebeldia, pois esta “estava somada a um profundo senso de responsabilidade que sempre nos levou a lutar pela promoção inadiável da ingenuidade à criticidade. Da rebelião em inserção” (Freire, 1996, p.100).

Assim, ele insistia na necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse os problemas da realidade apresentada, em seu tempo e em seu espaço. Por essa razão, a educação para a rebeldia, teria de ser, acima de tudo, mudança de atitude, da passividade à participação direta e ingerente, conforme a fase de transição pela qual a experiência brasileira vinha passando. Em linhas gerais, Paulo Freire compreende que o pensar crítico é uma atitude inerente ao ser humano, mas que sociologicamente encontra um contraste no contexto em que se vive.

Ele tem plena consciência da história da educação brasileira e seus impasses em favorecer o pensamento crítico. Para ele, a educação é indissociável da política e esta, no seu contexto, exige um verdadeiro ato de rebeldia para despertar no sujeito um “rebelar-se” contra o sistema que historicamente massificou, domesticou e não conduziu a uma emancipação pela educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco configura-se como um chamado urgente à reconstrução diante das crises contemporâneas que fragmentam a pessoa, enfraquecem os vínculos sociais e comprometem o futuro da humanidade. Mais do que uma proposta teórica, trata-se de um horizonte ético e prático que convoca todos os atores sociais a assumirem, de forma corresponsável, a missão de educar para a integralidade do ser humano, colocando-o no centro, promovendo uma cultura do encontro, da solidariedade e do cuidado com a Casa Comum.

Ao evidenciar a centralidade da pessoa, a escuta das novas gerações e a valorização da família como núcleo educativo fundamental, o Pacto desafia modelos reducionistas e tecnicistas de educação, propondo novo humanismo capaz de integrar diversas dimensões. Nesse sentido, a reflexão teológica apresentada reforça que a dignidade humana encontra seu fundamento último na própria encarnação, iluminando uma prática educativa que parte da realidade concreta das pessoas e de orientação para sua plena realização.

Em diálogo com essa perspectiva, a pedagogia de Paulo Freire mostra-se profundamente pertinente, ao oferecer caminhos concretos para uma educação libertadora, crítica e transformadora. Sua ênfase na conscientização, no protagonismo dos sujeitos e na superação de estruturas opressoras converge com os objetivos do Pacto, especialmente no enfrentamento das desigualdades e na construção de uma sociedade mais justa e participativa. A educação, assim compreendida, deixa de ser um instrumento de reprodução e passa a ser um ato de esperança e transformação histórica.

Nesse sentido, é possível reconhecer uma profunda convergência entre o Pacto Educativo Global de Francisco e a proposta de educação libertadora de Paulo Freire na compreensão de educação como prática relacional, dialógica e comprometida com a transformação da realidade. Ambos rejeitam uma educação verticalizada e bancária, centrada na mera transmissão de conteúdos, e afirmam a necessidade de processos educativos que partam da escuta, da valorização das experiências concretas e do engajamento crítico dos sujeitos. Enquanto o Pacto insiste na formação de uma “aldeia da educação”, baseada na corresponsabilidade dos sujeitos, Freire propõe uma pedagogia construída em comunhão, na qual educador e educando aprendem mutuamente a se tornarem agentes de mudança. Assim, tanto Francisco quanto Freire apontam para uma educação que não apenas forma indivíduos, mas constitui sujeitos históricos capazes de intervir no mundo com consciência, ética e compromisso com o bem comum.

Portanto, o Pacto Educativo global não apenas denuncia as fragilidades do cenário atual, mas aponta para uma renovação profunda das práticas educativas, baseadas na colaboração, na inclusão e na responsabilidade coletiva. Sua relevância reside justamente na capacidade de construção de um projeto educativo comum de humanidade. Assumir esse compromisso implica reconhecer que educar é, antes de tudo, um ato de amor e responsabilidade com as gerações presentes e futuras, capaz de humanizar o mundo e reorientar a história rumo a uma fraternidade verdadeiramente universal, transformada por uma educação libertadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, André L. Boccato de. *Moral Social*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- ALMEIDA, André L. Boccato de; PAULA, Patrícia C. de. Educação e consciência crítica em Paulo Freire: uma reflexão sobre o sentido da religião em tempos de fundamentalismos. In: *Caminhos*, Especial, v. 19, p. 124-137, 2021. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9114>. Acesso em 17.04.2026.
- ABRAHÃO, S. *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ANDRADE, F. C. B. Pensando a violência pela óptica freireana: implicações para a escola pública. In: SCOCUGLIA, A. C. (org.). *Paulo Freire na História da Educação do Tempo Presente*. São Paulo: Edições Afrontamento, 2006.
- ARROYO, M. G. Pedagogia do Oprimido. In: CALDART, R. S. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012, p. 553-561.
- FRANCISCO. Encontro “Religiões e educação: pacto educativo global”. In: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/2021005-pattoeducativo-globale.html>. Acesso em: 17 abr 2026.
- FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- _____. Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola/ Paulus, 2015.
- FRANCISCO. Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo. In: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912-messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 17 abr 2026.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 22º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000a.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- MOREIRA, C. E. Criticidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 98-97.
- FREIRE, Tâmara. IBGE alerta para quadro preocupante na saúde mental de adolescentes. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 25 mar. 2026. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes> > Acesso em: 20 abr. 2026.
- GARCIA, Mariana. *Veja quais os melhores e piores países para ser mulher nos quesitos inclusão, justiça e segurança*. G1, 8 mar. 2022. Disponível em: < <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/08/veja-quais-os-melhores-e-os-piores-paises-para-ser-mulher-nos-quesitos-inclusao-justica-e-seguranca.ghtml> > Acesso em 21 abr. 2026.
- GHELMAN, Ricardo; LACOMBE, Julianni Bernardelli; BARROS, Maria Isabel A. Cuidando da Espiritualidade de Crianças e Adolescentes. In PEREIRA, Felipe Moraes Toletto; [et al.]. *Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021
- HAN, Byung-Chul. A expulsão do outro. Sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

MENDONÇA, Samuel; CONTE, Christiany Pegorari; CARDOSO, Luiz Guilherme Luz. A mistanásia e a responsabilidade criminal do Estado: estudo de caso sobre a falta de oxigênio medicinal na cidade brasileira de Manaus – AM. In: *Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal*, v. 11, n. 1/2, 2023, p.1. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/redppc/article/view/125934/90883> > Acesso em: 20 abr. 2026.

MOTA, G. C; SANTOS, C. M. Pacto Educativo Global: uma síntese das prioridades pastorais do Papa Francisco: Uma reflexão ético-pedagógica sobre os 7 compromissos do Pacto Educativo Global. In: *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 33, n. 107, p. 129-148, jan/abr 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/63704/44895>. Acesso em: 17 abr 2026.

OLIVEIRA, Helena. *Estes países não são para mulheres*. VER, 28 jun. 2012. Disponível em: <<https://ver.pt/estes-paises-nao-sao-para-mulheres/>>. Acesso em: 21 abr. 2026.

PASSOS, João Décio. Fratelli tutti: uma Encíclica renovadora sobre as coisas novas e urgentes. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 782- 801, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/download/27291/19634/104817> . Acesso em: 17 abr 2026.

PAULY, E. L. Pedagogia da Autonomia. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. -308 309.

STRECK, D. R. Esperança. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 162-161.

VADEMECUM. Português. *Pacto Educativo Global*. In: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 17 abr 2026.